

**PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA ESTRUTURA SAUSSURIANA
NO DISCURSO PSICANALÍTICO LACANIANO:
LINGUAGEM E PSICANÁLISE**

Rita de Cássia Gemino da Silva (FAMA/FEUC)
ritagemino@ig.com.br

1. Considerações iniciais

Com a chegada do século XXI, podemos perceber uma convergência mais ampla entre as ciências e a procura de novos paradigmas que possam dar conta de um pensamento científico mais complexo e, conseqüentemente, mais investigativo, a fim de desmistificar os padrões científicos do passado. Hoje, situar um estudo tendo como arcabouço a ciência e somente a ciência, de que é objeto o tema pretendido, nos faz desviar de um objetivo mais amplo, exigido pela nova metodologia de ensino, a inter-relação entre as ideias centrais que formam o discurso humano. Sendo assim, procurou-se caracterizar como a linguística, enquanto ciência, revela meandros para a formação de novas teorias, inclusive aquelas que abarcam o comportamento do pensamento humano, como a psicanálise.

2. Um breve histórico sobre a formação da linguística

Em geral, a linguística é definida como a ciência da linguagem, e tem como objeto de estudo a fala humana nas suas diversas manifestações desenvolvida ao longo do tempo. Considerada uma ciência ainda muito jovem, a linguística vai buscar suas características históricas no antigo interesse dos estudiosos pela linguagem. Três direções caracterizam considerações do mesmo objeto de estudo. Iniciada com os pré-socráticos, como o sofista Protágoras (480-410 a.C.) e solidamente estabelecida com Platão e Aristóteles, a primeira direção, voltada para uma orientação filosófica, vai especular o fato de a linguagem nascer dos problemas do conhecimento humano e da realidade exterior, e o da apreensão desta pela inteligência; o de descobrir a própria natureza da linguagem. Dentro de uma lógica estabelecida por Aristóteles, e logo continuada pelos estoicos, a segunda direção do objeto reside no exercício correto da linguagem para alcançar a verdade, sabendo que em tal exercício o lógico será determinar as regras de um perfeito discurso da razão, o perfeito discurso verbal. Por último, encontramos a terceira direção com carac-

terísticas filológica e gramatical, com suas origens também em Protágoras e, portanto, na filosofia, na qual existirá uma íntima ligação com as observações dos lógicos, culminando na escola filológica de Alexandria. No princípio do século XIX, com o Romantismo alemão, começa a florescer um interesse extremamente intenso pelas obras das velhas civilizações, pelos documentos literários e pelas línguas da Índia antiga. A gramática comparativa ou comparada e a filologia indo-europeia, seguidas das filologias germânica e romântica, afirmam o nascimento da linguística. Ao nos remetermos aos primeiros estudos da linguística, vamos distinguir a *Fase da Gramática*, onde na Grécia a origem, a história e a estrutura da linguagem tiveram um cunho não-gramatical, mas principalmente filosófico. A discussão maior estava em aproximar o pensamento e a palavra. Aristóteles impulsionou o conhecimento das categorias gramaticais e os estoicos, os conhecimentos linguísticos sempre amparados pela lógica. Para eles “A linguagem se origina naturalmente na alma dos homens e a palavra expressa a coisa conforme a natureza dela, suscitando, do mesmo modo, no ouvinte, uma impressão conforme a dita natureza”. (BORBA, 1975, p. 13).

Mais tarde, no séc. III a.C., o interesse pela interpretação e reconstrução da antiga literatura objetivou mais o estudo da linguagem. A esse procedimento deram o nome de gramática, ou seja, o estudo mais objetivo da linguagem. Surgem assim grandes polêmicas que passam a ser questionadas não mais no âmbito filosófico, mas sim gramatical, como o desenvolvimento das ideias sobre a declinação, a conjugação, as vozes e os tempos verbais, as partes do discurso etc. A sintaxe, ainda esquecida desde os tempos de Dionísio, só começaria a ter força a partir dos estudos de Franz Bopp (1791-1867) e Friedrich Diez (1794-1876), e com Delbrück. Ao final da Idade Média, unem-se os estudos do grego, hebraico e árabe, iniciando o interesse pelas línguas contemporâneas, contribuição dada pelo Cristianismo, que derrubou a barreira entre povos cultos e bárbaros. As tendências desse final de período são intensificadas no Renascimento. A *Fase da Filologia* é marcada pelo pensamento de Platão. Diferente do conceito atual, a filologia foi para esse filósofo o gosto pela conversação elegante, erudita e artística. Os estudos filológicos e gramaticais não tinham especificações. Foi Friedrich August Wolf (1759-1824), a partir de 1777, que iniciou um movimento científico para dar conta do que seria realmente o conceito e o objeto da filologia. A ele se juntaram outros estudiosos que “entendiam a filologia como ciência da antiguidade, como conhecimento do mundo antigo na sua totalidade”. (BORBA, 1975, p. 21)

A língua não é o único objeto da filologia, pois esta procura interpretar e comentar os textos. Ocupa-se da história literária dos costumes, das instituições etc. e usa o método crítico. Quando aborda questões linguísticas é para comparar textos de diferentes épocas, para determinar a língua particular de cada autor, para decifrar e explicar inscrições feitas numa língua arcaica ou obscura. Estas investigações preparam, sem dúvida, a linguística histórica. A falha do método filológico. (Ibid., p.22)

A *Fase do Comparativismo* corresponde ao período científico propriamente dito da linguística, que terá grande impulso com a compreensão de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), em utilizar um maior número de línguas para analisar o completo conhecimento do pensamento do espírito humano. A comparação das línguas só vai acontecer quando Wolf faz a crítica comparativa nos antigos textos. No começo do século XIX, confirma-se o parentesco entre línguas a partir da descoberta do sânscrito. Franz Bopp, ao comparar os idiomas, em geral partindo do sânscrito, cria a linguística comparativa, compreendendo “que as relações entre as línguas de uma mesma família podiam converter-se em matéria de uma ciência autônoma.” (SAUSSURE, 1995, p. 8). Bopp se une a outros estudiosos que vão contribuir para a nova ciência. Entre eles estão Jacob Grimm (que se dedicou ao estudo da língua germânica, desenvolvendo um método histórico, do qual fundou a gramática histórica), Pott (criador da fonética comparativa), August Friedrich Schleichner (1821-1868), que sistematizou a ciência fundada por Bopp, estabelecendo três tipos de línguas e três estágios da linguagem – assunto que não cabe aprofundamento neste trabalho. Por volta de 1878, na Alemanha, uma nova escola vai dar ênfase às mudanças fonéticas e a uma perspectiva histórica. Os estudiosos dessa escola serão chamados de neogramáticos. A linguística moderna se forma a partir de vários tipos de pesquisas que marcaram o seu desenvolvimento, tais como: descrição de todas as línguas conhecidas, história das línguas e estudo geral das condições de funcionamento, estrutura e evolução da linguagem e das línguas. Hoje, sabemos que a linguística tem objeto, método e finalidades diferentes da filologia. A primeira se dedica ao estudo da língua como atividade do pensamento humano, e a última estuda a língua como meio de expressão literária. As duas se interessam pelo estudo da língua, sendo a Filologia preocupada por toda utilização da mesma na cultura de um povo, sua linguagem, sua literatura, suas implicações na formação social e individual; já a linguística se restringe à linguagem oral e escrita, a língua por si mesma. Como podemos perceber, a base de estudo da filologia serão os textos literários, de onde se reconstruirá uma dada civilização, enquanto que da linguística será a língua falada em todos os seus aspectos, a fim de

descrever, comparar e agrupar as línguas em blocos para melhor investigar as forças que atuam sobre elas. Dessa maneira, a língua é um meio para a filologia e um fim para a linguística, mas ambas necessitam de entrosamento para alcançar seus objetivos.

3. Conceitos básicos da psicanálise

Os estudos de Freud nasceram das disciplinas especializadas em neurologia e psiquiatria, tendo como objeto de estudo as motivações e manifestações do inconsciente, cujo método é a análise dessas manifestações, através da palavra, da ação, dos atos falhos, dos sintomas e dos sonhos. Freud explorou as áreas da psique que eram desconhecidas. Encontramos num dos pressupostos mais importantes da teoria freudiana as defesas e os impulsos inconscientes para explicar o comportamento humano. Reprimido por uma função social, o indivíduo luta por uma saída, que poderá se manifestar através dos erros de linguagem, entre outros. Para nós interessam os preceitos de Freud que sustentaram Lacan na estrutura do pensamento do indivíduo, tal como Saussure estruturou a teoria dos signos linguísticos.

Freud firma que nada ocorre ao acaso e muito menos os processos mentais. O fato da consciência foi um ponto de partida para os pressupostos do consciente, pré-consciente, inconsciente. As observações de Freud a respeito de seus pacientes revelaram uma série interminável de conflitos e acordos psíquicos. A um instinto opunha-se outro; proibições sociais bloqueavam pulsões biológicas e os modos de enfrentar situações frequentemente chocavam-se uns com os outros. Ele tentou ordenar esse caos aparente propondo três componentes básicos estruturais da psique: o id, o ego e o superego, que juntos formam a estrutura da personalidade. O id contém tudo que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está presente na constituição mental – acima de tudo. É o id a estrutura da personalidade original básica e mais central, exposta tanto às exigências somáticas do corpo como aos efeitos do ego e superego. As outras partes da estrutura mental se desenvolvem a partir do id e as leis lógicas do pensamento não se aplicam a ele. Mesmo atuando como um reservatório de energia de toda a personalidade, nele não existe a ideia de tempo, portanto desconhece qualquer julgamento de valores do bem, do mal e da própria moralidade. O ego é a porção do aparelho psíquico que está ligado à realidade. Expande-se a partir do id, e o resguarda como um invólucro que garante a segurança, a saúde e a sanidade da personali-

de. Do ego é estruturado o superego, que atua como um censor, umpositor de regras. É um elemento mental que retém os preceitos da moral ditados pela sociedade, determina os modelos de conduta e os construídos que vão compor as inibições da personalidade.

Até aqui tivemos, particularmente, a preocupação com a teoria geral da personalidade, desenvolvida por Freud, para desenrolar a linha de pensamento deste trabalho, focado na prática terapêutica da psicanálise, que, no propósito de ajudar o paciente a estabelecer o melhor nível de funcionamento do ego, utiliza o discurso – a linguagem. A palavra, por tudo que representa, principalmente na veiculação de significados de conteúdos abstratos, sejam de ordem cognitiva, emocional ou instintiva, tais como pensamentos, juízos, sentimentos, desejos, tem exercido e continua exercendo papel relevante no campo da psicanálise. Através da linguagem, o discurso entre o médico e o paciente constitui o caminho habitual para o processo terapêutico. Em *Linguagem e Psicanálise*, Sebastian e Herma, (1973, p. 6-7) mostram que a linguagem desempenha várias funções abaixo especificadas, todas elas relevantes para a situação psicanalítica de comunicação. Nesse sentido:

- a) a fala representa uma possibilidade de controle de fatores emocionais (função de escape, de aplicação catártica em terapia);
- b) a fala se representa como forma de verbalização, ou como capacidade de elevação de conteúdos mentais e nível linguístico e de sua consequente coordenação lógica, semântica e sintática do mesmo nível (separando o inconsciente do pré-consciente e do consciente);
- d) a fala se apresenta como forma de atenção, confirmação e sedução, em contraposição ao silêncio, forma de recusa ou ameaça;
- f) a fala se revela como processo criativo, do qual decorrem neologismos e construções curiosas;

Observa-se, porém, que a psicanálise dá ênfase às alterações da linguagem; isto é, a reconstrução da fala, criando um vínculo entre o paciente e o estudo do caso feito pelo psicanalista.

4. Jacques Lacan e a psicanálise

Os primeiros escritos de Freud traduzidos na França aparecem por volta de 1913/14, é claro, com atropelos e diversidade de opiniões e inte-

resses. Após o final da Primeira Guerra Mundial, e pelos anos seguintes, é que vamos encontrar uma verdadeira propagação da psicanálise na França, onde no período de 1924/26 vamos descobrir Lacan em um grupo, que terminou por existir como Sociedade Psicanalítica de Paris (*Société Psychanalytique de Paris*). Nesse período, Jacques Lacan foi responsável por boa parte dos trabalhos que se realizaram no grupo, assim como a reunião de um considerável conjunto de discípulos e a responsabilidade da publicação em série de *La Psychanalyse*, revista da SFP. A adoção do cuidado linguístico, e da filosofia da linguagem em seus discursos e teorias, é que custou a Lacan o cataclismo no meio psicanalítico. Com o desacordo entre a Sociedade Francesa e a Internacional, Lacan e um pequeno grupo formam a Associação Francesa, que mais tarde vinha a tornar-se a Escola Freudiana de Paris. Entre tantas contribuições de Lacan, talvez a maior tenha sido, tanto para psicanálise como para toda ciência humana, o duplo movimento de um retorno às descobertas originárias de Freud e de um recurso às ciências da linguagem, que permitem articular a ciência do inconsciente.

Nas descobertas recentes da antropologia estrutural e da linguística é que a teoria lacaniana se fundamenta, deixando também contribuições para as mesmas. O que Lacan vai destacar na teoria psicanalítica é a importância do dizer e do calar numa dialética em que a verdade fica além do discurso infinitamente travado entre poltrona e divã, da relação significativa da linguagem, colhendo os efeitos do significante. Na realidade, Lacan propõe fecundar a psicanálise com a análise estrutural, retornando os textos originais de Freud, numa releitura, na qual imbricam duas disciplinas, duas metodologias, nesse caso a psicanálise e a linguística.

A abrangência dessas duas ciências se cruza no discurso de Lacan, principalmente em *O Estádio do Espelho (Le Stade du Miroir)*, no qual concebe a utilização da estrutura da fala, o significado, o significante como sendo parâmetros para o desenvolvimento do ser como pessoa e suas concepções do eu, do outro e do mundo. Lacan desenvolve através das teorias de Freud sobre o drama da existência e da formação de uma personalidade, a sua teoria do espelho, que consiste em três processos contínuos da criança com o desenrolar de sua apropriação da linguagem e o contato desta com a família e a sociedade. No decorrer desses processos, logo de começo a criança reage como se a imagem apresentada pelo espelho fosse uma realidade (na verdade é um reflexo do que a criança vê), ou então que a sua própria imagem fosse a de outra pessoa. Em se-

guida, essa imagem deixa de ser tratada pela criança como real; não mais procura pegar o outro que estaria escondido detrás do espelho. Em uma terceira etapa, a criança vai reconhecer o outro como sendo a sua própria imagem – trata-se de um processo de identificação, uma conquista progressiva do sujeito. Surge uma relação dual, reduzida a dois termos, o corpo da criança e sua imagem.

O acesso à linguagem produz como consequência a introjeção de uma matéria significante (fonemas: vogais e consoantes) oferecida pelo meio social e cultural. O próprio Lacan enuncia um dos dados fundamentais de sua análise quando comenta sobre o caso: “Nossa doutrina (*sic*) se funda no fato (...) de que o inconsciente tem a estrutura radical da linguagem, que um material ali se joga segundo leis que são as que descobre o estudo de línguas positivas, línguas que são ou foram efetivamente faladas” (LACAN, 1978, p. 594). No momento em que o indivíduo detém a linguagem, é inteiramente dominado pela ordem simbólica. Não haverá apenas o domínio, mas o ser será constituído por sua ordem. Podemos dizer então que o sujeito é tecido pela trama da linguagem. Quando tratamos de linguagem, falamos das relações de significado e significante, e é isto que faz Lacan quando se refere à obra de Ferdinand de Saussure.

É a postura do psicanalista em fazer-se penetrar na distinção do significado e do significante, à procura de organizar essas relações em duas redes. Ao tratar da rede de significantes, Lacan assimilou com desenvoltura as lições saussurianas: “Cada elemento toma nela seu emprego exceto no que se difere dos outros.” (*Ibidem*, p. 414) Sendo assim, a língua é um complexo distributivo de significantes em todos os níveis, nas menores oposições fonemáticas, até nas locuções compostas, hoje analisadas pela moderna linguística, ou seja, a frase, o discurso, a retórica. Em suma, um sistema completo, aberto, capaz de modificar o homem como sujeito do seu fazer. Castro (1992, p. 48) apresenta qual é a função da linguagem na concepção lacaniana.

Para Lacan, a linguagem tem função constitutiva no homem; é a condição de possibilidade do mundo humano. O inconsciente obedece a leis formais análogas às leis linguísticas. O homem não domina a ordem do significante, sendo antes esta ordem que o constitui enquanto homem, o qual é perpetuamente descentrado em relação a um mundo que lhe escapa; vale dizer, há autonomia da função simbólica em relação ao sujeito.

Cabe dizer, então, que falar de Lacan e psicanálise é estreitar os vínculos entre a formação da personalidade do homem, a estruturação desta pela linguagem e a perspectiva de utilizar ambas no estreitamento entre a imagem (símbolos) e a realidade. Pode-se, dessa forma, conceber

um axioma estrutural do desenvolvimento entre Freud, Lacan, Saussure e suas teorias, para que se possa visualizar o momento de imbricação.

5. *Esquema axiomático das estruturas teóricas lacanianas*



6. *Psicanálise e linguística - A estrutura saussuriana no discurso psicanalítico de Jacques Lacan*

A intenção deste estudo está voltada para a importância do linguista Ferdinand de Saussure na concepção de Jacques Lacan sobre a es-

trutura do pensamento. É Lacan (1955), em *Seminare sur “La letre volé”*, que afirma: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem e o material simbólico que ele encerra tem nisso uma influência”.

No decorrer dos anos 1955 e 1956, vamos encontrar em *As Psicoses* (no livro III, *O Seminário*) centrado em torno das memórias de um neuropata de Schreber, pela primeira vez, o nome de Saussure e análises feitas por Lacan do livro *Curso de Linguística Geral*. Os termos significado e significante nos seus poderes simbólico e teórico são complexos e interpretados de forma diferente por cada teórico. A questão é retratar que, no momento em que Lacan percebe a importância da linguagem na formação do inconsciente humano, joga sua âncora nos arcabouços da metodologia de Saussure e de lá toma emprestado o léxico, criando uma subversão nos valores dos termos significante e significado. Borba (1975) refere-se à linguagem em seu livro *Introdução aos Estudos Linguísticos*.

b) Se a linguagem é atividade mental e é capaz de expressar estados mentais, logo verificamos que a linguagem e pensamento se relacionam muito estreitamente. Um depende do outro para desenvolver-se em larga escala. O pensamento só é exteriorizado pela linguagem. sendo assim, esta teria apenas a função secundária de invólucro dos pensamentos? Seria melhor dizer que a linguagem é o caminho sobre o qual todo pensamento é verbalizado, que só conseguimos pensar em termos de linguagem, pois, quando relacionamos imagens, estamos formando, embora sem o percebermos, um silencioso fluir de palavras. Admitir um pensamento sem palavras seria o mesmo que admitir uma operação matemática sem auxílio dos números.

Podemos reconhecer com isso que a teoria lacaniana se fundamenta sobre o pensamento de Freud e as descobertas da linguística. Remetemo-nos aos conceitos de *significante*. Para Saussure, o significante é a imagem acústica, é a parte perceptível do signo, está intimamente unido ao significado, “um reclama o outro”. São interdependentes e inseparáveis. No sentido lacaniano: a definição acima é aceita no que se refere ao consciente. No inconsciente, o significante é o que pode articular em um sistema, uma cadeia (a partir do significante primeiro). E o *significado*? Para Saussure o significado é o conceito que se tem da imagem acústica, é a contraparte inteligível do signo; parte que está “escondida”, imaterial. No sentido lacaniano: aquilo a que remete o significante, mas que, no inconsciente, é articulável. (FAGES, 1971) “Toda metáfora”, segundo Lacan, é uma “substituição significante”, uma substituição de significantes. Tomemos agora a supremacia da palavra e do significante discutida por Lacan em sua obra *A Teoria do Espelho*. A imagem, somente enquanto se articula com a cadeia significante, é que o imaginário se torna expres-

sivo. A etapa do espelho nos dá o princípio de distinção entre o imaginário e o simbólico, mostrando-nos que, por trás da cena imaginária do espelho e do reconhecimento que se realiza, se esboça o perfil da cadeia simbólica. A imagem de relação do significante e do significado é que o significante é unidade de ser único, sendo por natureza símbolo apenas de uma ausência. A verdade do inconsciente é que o homem é povoado e transformado pelo significante. Nesse ponto, a análise deve, pois, constituir-se em fazer cessar as falsas certezas do sujeito, em desfazer-lhe as miragens até que chegue à decisão suprema.

No discurso pleno (término da regressão, momento de interpretação, momento de nomeação do termo que não deveria ser renegado pelo sujeito), o analista compõe passo a passo a rede de significantes inconscientes, colocando a disposição do sujeito a trama secreta. Reconstituindo pacientemente cada momento. Chega a hora da resolução, quando o analista nomeará, revelará ao sujeito tudo aquilo que ele teceu a partir do seu significante primeiro. Esse discurso pleno e essa nomeação trazem o sujeito do estágio do imaginário e o colocam na ordem simbólica, que lhe conferem dizer, verbalizar tudo aquilo que inconscientemente ele tramou. Lacan (1955), no momento da revelação do discurso pleno, “pronuncia mesmo a palavra verdade; uma verdade fundada pelo discurso revelador”. Através das colocações acima citadas, podemos perceber como Lacan concebeu a linguagem inspirada em Saussure, que o permitiu reformular a análise de Freud sobre o inconsciente. “A linguagem, a ordem simbólica, constitui o sujeito; ela o transcreve por uma trama de significados, desde seu nascimento”. (*Idem, ibidem*). Os significados serão as variações de cada um, e só ganham entendimento dentro da coerência da rede dos significantes. Sendo assim a teoria vai concluir a supremacia do significante.

7. Considerações finais

Ao término deste estudo podemos estabelecer um eixo nos conceitos que trazem à tona uma aglutinação de teorias e pensamentos que fazem a linguística e a psicanálise ciências coirmãs nas investigações da linguagem humana. Esperamos ter acrescentado aos estudos atuais sobre o assunto, traços inovadores para o conhecimento da importância de Ferdinand de Saussure nas concepções da psicanálise lacaniana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1970.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CASTRO, Eliana de Moura, *Psicanálise e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- FAGES, Jean-Baptiste. *Para compreender Lacan*. Trad.: M. D. Magno e Georges Lamazióre. Rio de Janeiro: Rio, 1971.
- GREENE, Judith. *Pensamento e linguagem*. Trad.: Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad.: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *Escritos*. Trad.: Inês Oseki Dipré. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *O seminário*, livro 3 – As psicoses – 1955-1956. Trad.: Aluísio Menezes. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix, [s.d.].
- SEBASTIAN E GOELPPERT, Herma C. *Linguagem e psicanálise*. Trad.: Otto Crich Walter Mass. São Paulo: Cultrix, 1973.